

HOMEM, QUE DIZES DE TI MESMO À IGREJA? Características do homem que desafia a Igreja do Vaticano II

Mário Correia da Silva¹⁷⁶

RESUMO

Pretende-se apresentar as características do homem atual que desafia a Igreja 50 anos depois do Vaticano II. O papa João Paulo II disse que o homem “é a primeira e fundamental via da Igreja”. Portanto, ela está sempre interessada por tudo o que diz respeito a ele. Definir o que é o homem sempre foi uma das grandes ocupações de toda a história do pensamento. A *Gaudium et Spes* afirma que “ele próprio já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões.” Algumas perduram e perpassam todas as épocas, outras são reelaboradas ou desconsideradas. Considerando os elementos essenciais que o define, importa-nos saber a qual homem estamos nos referindo, isto é, quais são as características, os traços ou os elementos que compõem o perfil do homem atual e o distinguem de outras épocas. Estes elementos não determinam a sua essencialidade, mas influenciam na compreensão de si, do mundo, de Deus e, por conseguinte, revelam suas aspirações. Ao fazer isso, se descreve o que o homem atual tem a dizer à Igreja hoje e quais são suas aspirações. Em contra partida, abre-se a reflexão para pensar em como transmitir a ele o que a Igreja do Vaticano II tem a lhe anunciar. Afinal, cabe à Igreja, aos seus membros e à reflexão teológica, estabelecer clara sintonia entre a mensagem que ela porta e anuncia, de um lado, e a mentalidade, a visão de mundo, a linguagem, os problemas do homem atual, de outro.

PALAVRAS CHAVES: homem, atualidade, características, Vaticano II.

INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste texto, apresentar as características do homem atual que desafiam a Igreja do Vaticano II a realizar sua missão. A problemática do Concílio Vaticano II foi sintetizado por Paulo VI na pergunta: “Igreja, o que dizes de ti mesma?” Como resultado, temos à nossa disposição vários documentos e decretos, frutos das discussões e elaborações dos padres conciliares. Parafraseando essa problemática, perguntamos ao homem o que ele tem a dizer de si para a Igreja, depois de 50 anos de concílio. Trata-se de uma pergunta retórica, pois, em tese, ela

¹⁷⁶ Padre Católico Romano, graduado em Filosofia e Teologia, especializando em Teologia Cultural e Filosofia do Direito mariocsj@hotmail.com

sabe o que é o homem e a qual homem está se dirigindo. Porém, a pergunta favorece a reflexão para aprofundar o conhecimento sobre o homem de uma determinada época, identificando suas características distintas para depois pensar em como fazer chegar até ele o anúncio. Foi assim que o Concílio Vaticano II se propôs à renovação e à atualização da Igreja às novas realidades do mundo atual. Seu objetivo fundamental era expor a doutrina atualizada, de modo que “o depósito sagrado da doutrina cristã fosse guardado e ensinando de forma mais eficaz¹⁷⁷”. O destinatário do anúncio atualizado é sempre a pessoa humana “com quem a Igreja sente-se real e intimamente ligada¹⁷⁸” e, por isso, responsabilizada. Disse o Papa João Paulo II que o homem “é a primeira e fundamental via da Igreja¹⁷⁹”.

Por ser assim, ela sempre foi solícita para com ele em todos os tempos e lugares, interessando-se inclusive em saber o que ele tem a dizer de si mesmo. No decorrer de sua história, ele “já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões¹⁸⁰”. Aquelas opiniões essenciais permanecem ao longo do tempo, enquanto as características, os traços, diferem e mudam, conforme a época e as circunstâncias. As características não determinam sua essencialidade, mas influenciam na compreensão de si, do mundo, de Deus e também revelam suas buscas e aspirações. Tomar conhecimento das características do homem atual é ter a possibilidade de melhor auxiliá-lo em suas buscas e aspirações. E cabe aos membros da Igreja estabelecer sintonia entre a mensagem que ela porta e anuncia com a mentalidade, a visão de mundo, a linguagem e os problemas do homem, destinatário do anúncio.

QUAL HOMEM?

Antes de seguir adiante, é importante considerar o cenário geral em que o homem atual se encontra. Trata-se do cenário resultante da modernidade, marcado pela forte valorização da razão, pelas descobertas e pelos avanços científicos. Ao lado do futuro promissor incitado por estes fatores, estão também os fracassos, os descréditos e os sofrimentos que envolveram a humanidade. Neste contexto, a

¹⁷⁷ JOÃO XXII, Discurso na abertura solene do Concílio, 11.10.1962.

¹⁷⁸ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 1.

¹⁷⁹ Carta Encíclica *Redemptoris Homins*, 14.

¹⁸⁰ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 12.

Gaudium et Spes afirma que as rápidas e profundas transformações que afetaram a humanidade incidiram diretamente sobre o homem sobre seu modo de pensar e agir¹⁸¹. Por causa dessas profundas transformações, muitos autores concordam em dizer que a humanidade hoje vive uma nova época, chamada por alguns de pós-modernidade. Ela é marcada pela fragmentação do sujeito, pautada pelo consumismo, afetada pelas inseguranças decorrentes das verdades abaladas, descrente das grandes sínteses e, por estas razões, vive uma em profunda crise de sentido¹⁸². Neste cenário, é preciso repensar a finalidade de toda pregação ou teologia que é justamente atualizar ou “aproximar o Evangelho do mundo moderno, onde sempre volta a situar-se¹⁸³”. Essa tarefa é possível conhecendo o homem atual, bem como suas perspectivas e esperanças. No final das contas, o critério hermenêutico para a atualização da mensagem acaba sendo o homem. Mas qual homem? O homem dos nossos dias, com todos os traços que lhe são típicos, com toda complexidade em que está envolvido e como todas as perspectivas e esperanças que o movem.

Este homem é marcado pelo secularismo, a sua mais forte e influente característica, com dois traços básicos: a autonomia e o empenho para as realidades terrenas. O homem de hoje sente-se altamente independente, maduro, crescido, capaz de fazer tudo por si, sem necessidade de recorrer a um ser Superior. Devido às possibilidades científicas, seu empenho se volta para a terra, para este século. Pouco interessa os discursos sobre o céu, sobre a vida eterna se ele se sente instigado a se contentar e a desfrutar da vida boa na terra. Sem dúvida, Bonhoeffer tem razão ao dizer que “não somos honestos se não reconhecemos que devemos viver no mundo, *etsi Deus non daretur*¹⁸⁴”. Esta é uma realidade inegável, pois é evidente! O homem de hoje tem cada vez mais a tendência ao ceticismo, a afastar-se de Deus, quando não, entregar-se ao ateísmo. Com efeito, a *Gaudium et Spes* reconhece que “a civilização

¹⁸¹ Cf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 4.

¹⁸² Sobre esse assunto, dois autores parecem pertinentes: *Stuart Hall* e *Zygmund Bauman*. O primeiro aponta para a “crise de identidade” da sociedade pós-moderna causada pela descentralização do sujeito e sua conseqüente fragmentação. O segundo chama a atenção para a sociedade do consumo, a “modernidade líquida” na qual tudo se esvai deixando o vazio. Os dois sugerem repensar as estruturas atuais envoltas em crise. Também os documentos da Igreja têm apontado muito estas realidades. Entre eles, destaca-se o segundo capítulo da primeira parte do *Documento de Aparecida*.

¹⁸³ CULLMAN, Oscar. *Vero e falso ecumenismo: l'ecumenismo dopo il Concilio*. Marcelliana, Bréscia, 1972, pp.37-8 Apud Mondin, p.46.

¹⁸⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistenza e resa. Lettere ed appunti dal cárcere*. Bom piani: Milão, 1969, pp. 264-265. Apud, Mondin, p.52.

atual, não por si mesma, mas pelo fato de estar muito ligada com as realidades terrestres, torna-se muitas vezes mais difícil o acesso a Deus.¹⁸⁵

Moldado pelo secularismo, outra marca do homem de hoje é a mutabilidade. As profundas e rápidas transformações ocorridas no mundo da ciência incidem diretamente no homem e o tornam ávido por fazer coisas cada vez mais novas. Com isso, a capacidade de estabilidade, de perseverança em uma única ação fica comprometida. Uma ordem pessoal, social e cósmica que antes era considerada imutável perde a sua força diante da vulnerabilidade e da busca incessante por novidades. Essa situação faz o homem examinar e repensar tudo o que lhe é transmitido pelas gerações passadas ou pela tradição, inclusive religiosa. À mutabilidade se junta o antidogmatismo, a resistência às verdades consideradas imutáveis, os princípios universais e as normas absolutas. Questionar e contestar são imperativos categóricos para os dias de hoje. Só lhe interessa aquilo que é compreendido, experimentado, confirmado e, no mínimo, que venha de si, não de outrem externo. O que lhe é transmitido do passado não lhe atrai muito, pois seu foco é o presente, para o agora e, talvez, para um futuro promissor, cheio de novidades.

A humanidade passa “duma concepção estática da ordem das coisas, para uma outra, dinâmica e evolutiva”¹⁸⁶. Essa nova ordem incita no homem o sentido da história como contínuo movimento, sem nada definitivo: o que é constante e imutável não é atraente. É fácil perceber que a liberdade é o baluarte do homem contemporâneo. Sente-se livre de todas e quaisquer regras relativas à sua existência e conduta. Nas pegadas de Jean-Paul Sartre que define o homem como liberdade¹⁸⁷,

¹⁸⁵ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 19. Ainda sobre o ateísmo, reconhecemos que ele é um fenômeno diversificado. Existe o ateísmo teórico, imperado pela razão; o ateísmo prático, incentivador de práticas humanistas vazias e o ateísmo negligente que, pode-se dizer, é a falta de testemunho dos que se dizem crente. É

importante ressaltar ainda o secularismo é uma das características mais percebida e analisada pela Igreja em seus

documentos. João Paulo II, na encíclica *Evangelium Vitae*, o apontado como causa do “drama vivido pelo homem contemporâneo: *eclipse do sentido de Deus e do homem (...) perdendo o sentido de Deus, tende-se a perder também o sentido do homem*”. Ao final da exposição, ele conclui faz referência a Bonhoeffer: “*realidade, vivendo “como se Deus não existisse”, o homem perde o sentido não só do mistério de Deus, mas também do mistério do mundo, e do mistério do seu próprio ser*” (nº 21-22)

¹⁸⁶ Cf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 5.

¹⁸⁷ Para Sartre, “*não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade*”. Por trás dessa afirmação está a negação de Deus e a auto-afirmação do homem que se expressa no *slogan* do existencialismo sartreano: “*a existência precede a essência*”. Negando Deus, “*o homem está condenado a ser livre*”, obrigado a fazer-se, a

todos sentem-se no direito de realizar-se como e quando quiserem... Afinal, é cada um que se faz, se constrói e, portanto, se sente altamente independente e autossuficiente. Por ter que se fazer, o pragmatismo é o caminho mais favorável para isso. Movido para e pela ação, tudo o que se pensa e se aprende precisa ter em vista alguma transformação, alguma utilidade prática e, oxalá, eficiente, caso contrário, é perda de tempo, é inútil. Sendo pragmático, a aversão à metafísica torna-se mais latente que nunca. A ele interessa os resultados, a pragmaticidade oferecida pela ciência e a técnica que favorecem os bens de consumo e o bem-estar, resultados que a metafísica não pode oferecer.¹⁸⁸

Outra característica marcante é a *socialização*, a busca incessante por relacionar-se. Nunca como em nossos dias essa dimensão é tão aflorada e relevante. Ainda mais com os modernos meios de comunicação que “multiplicam-se assim sem cessar as relações do homem com os seus semelhantes¹⁸⁹”. Eles põem todos em contato simultâneo com os acontecimentos em escala global. Com a intensificação desses meios, não se pode executar o menor ato humano ou quaisquer realidades sem pensar em envolver as outras pessoas e, mais ainda, todos os setores. A socialização ganha proporções cada vez mais amplas, a ponto de se usar o complexo termo globalização para se referir a ela. Embora os meios de comunicação possibilitem a socialização, não favorece “em todos os casos uma conveniente maturação das pessoas e relações verdadeiramente pessoais (personalização)¹⁹⁰”. Com efeito, muito próximo da socialização está a massificação do indivíduo, a supressão de seus valores em relação às exigências sociais e em nome da lei da maioria. Como diria Martin Heidegger, o indivíduo “estar sob a tutela dos outros. Não é ele próprio que é, os outros lhe tomam o ser”¹⁹¹, tomam-lhe seu lugar, assumem o seu ser. E por que não falar do anonimato, do

escolher seus princípios morais e, portanto, “*responsável por aquilo que é*” (pp. 216, 217, 218 e 218). *Curso de Filosofia Positiva: catecismo positivista*. Obra publicada pela Abril Cultural.

¹⁸⁸ Para Comte, a metafísica é um dos traços da menoridade da humanidade. Segundo ele, a humanidade passou por dois estados para chegar a sua maioridade: o teológico ou fictício e o metafísico, onde se buscava explicações de caráter absoluto. Ela alcança a maioridade no *estado positivista*, isto é, no estado do *conhecimento científico* de verificação e objetividade. É este último a ocupação que Comte desenvolve sobretudo na obra *ura* em 1983.

¹⁸⁹ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 5

¹⁹⁰ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 6. Com as facilidades dos favorecidas pelos meios de comunicação, pode até se falar da *virtualidade* como característica do homem atual. Trata-se do *homem* um pouco confuso entre o real e o imaginário, o concreto e o abstrato, o tempo e o espaço, entre a pessoa e o aparelho...

¹⁹¹ Heidegger, Martin. *Ser e Tempo*. Parte I, 6ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes 1997, p.179.

desaparecimento do indivíduo na massa, da transformação da pessoa em unidade, número, classe... pouco distinto dos demais e assim por diante.

Liberto das forças externas, fora do mundo, o homem de hoje torna-se refém de suas paixões e do mundo. Isso configura uma forma de alienação e opressão. Além das necessidades elementares, cria-se uma série de necessidades supérfluas, freqüentemente estimuladas pelos soberanos meios de comunicação, gerando tantas outras formas sutis de aprisionamentos. Refém deles, a contestação passa a ser uma necessidade. Contesta-se tudo e todos! A espera por reformas e revolução é pessoal e coletiva. Sem contar que a perversão passa a ser um traço típico também. Refém de suas próprias necessidades, ele recorre a qualquer meio para satisfazê-las, não importa quando, nem como¹⁹². Para completar o quadro, nesse emaranhado em que o homem se encontra nos dias atuais, a desorientação é mais uma de suas características. Hoje, o homem “vive como que suspenso no vazio¹⁹³” tornando-se cada vez “mais incerto a seu próprio respeito¹⁹⁴”, inseguro até mesmo diante de verdades essenciais¹⁹⁵. É óbvio que essa incerteza atinge profundamente sua existência e, por isso, não poucos, vivem a “crise de sentido¹⁹⁶” ou, para ser mais expressivo, encontram-se mergulhados em um “vazio existencial”, como analisou e constatou Viktor Frankl¹⁹⁷.

¹⁹² Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 6. Com as facilidades dos favorecidas pelos meios de comunicação, pode até se falar da *virtualidade* como característica do homem atual. Trata-se do *homem* um pouco confuso entre o real e o imaginário, o concreto e o abstrato, o tempo e o espaço, entre a pessoa e o aparelho...

¹⁹³ Esta situação favorece o *hedonismo*. Palavra muito recorrente nos documentos da Igreja. De origem grega, ela quer significar „prazer”, neste caso, como supremo bem da vida humana e, mais especificamente, volta egoística para os prazeres materiais, resultado em sua decadência. Comumente se fala também do *individualismo* que não é tratado aqui como característica específica, mas é possível perceber suas nuances no decorrer da exposição.

¹⁹⁴ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 4.

¹⁹⁵ A *Gaudium et Spes*, 10 reconhece: “perante a evolução actual do mundo, cada dia são mais numerosos os que põem ou sentem com nova acuidade as questões fundamentais: Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal, e da morte, que, apesar do enorme progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar à sociedade, e que coisas pode dela receber? Que há para além desta vida terrena?”

¹⁹⁶ Este é mais um dos assuntos recorrentes das últimas décadas. Os documentos da Igreja, da *Gaudium et Spes* ao último de Bento XVI, incluindo o *Documento de Aparecida*, tem feito referência a esse fenômeno mundial, mas individual.

¹⁹⁷ Segundo esse autor, uma pergunta brota no interior do homem de hoje como uma esfinge: “sobreviver? Mas para quê”? Para ele, o sentido é um “valor de sobrevivência” que se dá na capacidade de “orientar a própria vida em direção a um „para que coisa” ou „para quem”” (pp. 15 e 29). Este assunto foi aprofundado em outro texto de título *Em busca de sentido: demanda por espiritualidade*, apresentado na Jornada Acadêmica do IFITEG no dia 09.05.2012. (*Um sentido para a vida*. Psicoterapia e humanismo. Aparecida- SP: Ideias e letras, 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo sucinto, quase enumerativo e certamente incompleto, são estas as principais características do homem de hoje que desafiam a Igreja do Vaticano II. Com cenário secular, é marcado pela mutabilidade, sendo antidogmatista, livre, pragmático, avesso à metafísica, amplamente social, mas também massificado, anônimo, alienado, oprimido, perverso e desorientado. Características que podem ter interpretações ambíguas e por isso suscitam discussões e polêmicas. Para alguns, elas são tidas como avanço no desbravar do humano, para outros, sérias interrogações sobre seu futuro. De nossa parte, diante delas, a certeza de que o homem é mistério ganha força ainda maior¹⁹⁸. É um quadro “impressionante e complexo, rico de claro-escuro, de luzes e sombras, de traços positivos e negativos, animadores e deprimentes, luminosos e tenebrosos”. Que deve fazer a Igreja para estabelecer clara sintonia entre a mensagem da salvação e a mentalidade do homem de hoje? Sem dúvida, a primeira atitude a tomar é considerar sua situação emergente e assumir o homem tal como ele se apresenta hoje. Portanto, na atualização da mensagem ou na hermenêutica do anúncio é o homem todo, inteiro, que precisa ser tomado como critério. Afinal, o homem, em todos os tempos e lugares, permanece sempre aberto, sensível a Deus e é por ele atraído totalmente.

Enquanto isso, a Igreja, diz a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, reconhece e assume “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje”¹⁹⁹ ela não hesita em dirigir sua palavra não só aos cristãos, mas a todos os homens, à família humana, desejosa de oferecer-lhe a salvação e a restauração dada por Cristo. Presumindo das condições do homem de hoje, a Igreja, respondendo aos apelos do Espírito e iluminada por Ele, quer recordar-lhe de sua dignidade enquanto pessoa humana criada “à imagem de Deus, capaz de conhecer e amar o seu Criador”²⁰⁰. A raiz de seu atual desequilíbrio encontra-se radicada em seu coração, onde ele experimenta o limite de ser criatura com anseios e desejos ilimitados. A tensão

¹⁹⁸ Mondim, 69

¹⁹⁹ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 1. Síntese dos números 1 ao 24.

²⁰⁰ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 12.

entre os anseios e desejos ilimitados gera, por descuido, a divisão em seu ser²⁰¹. Esse mesmo homem, constituído de “corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade²⁰²”, tem a possibilidade de ser sábio para escolher o bem, totalmente livre se o concretiza e plenamente realizado se efetiva o “sincero dom de si²⁰³”. Contudo, ele não pode se esquecer do enigma da morte que ganha sentido no mistério da redenção de Cristo, o homem novo. Por fim, a Igreja é convicta de que “o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente”. Só Cristo Redentor “revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude²⁰⁴”.

ABSTRACT

It is intended to present the characteristics of the current man who defies the Church 50 years after Vatican II. Pope John Paul II said that man "is the first and fundamental way of the Church". Therefore, she is always interested in everything that concerns him. Defining what man is has always been one of the great occupations of the whole history of thought. *Gaudium et Spes* states that "he himself has already formulated, and continues to formulate, about himself, innumerable opinions." Some persist and pervade all epochs, others are re-elaborated or disregarded. Considering the essential elements that define it, it is important for us to know which man we are referring to, that is, what are the characteristics, traits or elements that make up the profile of the present man and distinguish him from other times. These elements do not determine their essentiality, but they influence the world's understanding of God and therefore reveal their aspirations. In doing so, it describes what the present man has to say to the Church today and what his aspirations are. On the other hand, the reflection is opened to think about how to convey to him what the Church of Vatican II has to announce to him. After all, it is up to the Church, its members and theological reflection to establish a clear syntony between the message it carries and announces, on the one hand, and the mentality, worldview, language, problems of the present man, on the other .

KEY WORDS: Man, actuality, characteristics, Vatican II.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

²⁰¹ cf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 13.

²⁰² Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 3.

²⁰³ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 24.

²⁰⁴ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 22.

Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In, *Doc. do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997

FRANKL, Viktor. *Um sentido para a vida*. Psicoterapia e humanismo. Aparecida-SP: Ideias e letras, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback e Emanuel

Cordeiro Leão. Parte I, 6º edição. Petrópolis-RJ: Vozes 1997.

JOÃO XXII. Discurso na abertura solene do Concílio, 11.10.1962. In, *Documentos do*

Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997

JOÃO Paulo II. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*. São Paulo: Paulinas,

_____. Carta Encíclica *Redemptoris Homins*. São Paulo: Paulinas,

MONDIN, Batista. *Antropologia Teológica: história, problemas e perspectivas*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1979.

PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio*. In, *Doc. de Paulo VI*. São Paulo: Paulus,

1997.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um humanismo*. Trad. Vergílio Ferreira. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970. p. 227.